

025/89

Ives Gandra da Silva Martins

A FALÊNCIA DO MARXISMO E O BRASIL

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Titular de Direito Econômico
da Faculdade de Direito da Universidade
Mackenzie, Presidente da Academia
Internacional de Direito e Economia
e Presidente do Conselho Superior de
Estudos Jurídicos da Federação do
Comércio do Estado de S. Paulo.

O marxismo é um quase mito, uma quase filosofia e um quase projeto econômico e social, mas não chega a ser um mito, uma filosofia ou um projeto econômico e social por falta de coerência lógica, embora lhe sobrem formulações utópicas.

Por especial deferência de Karoly Nyiri, à época diretor do Instituto para a Economia Mundial da Academia de Ciência de Budapeste, desde 1980 recebo todas as publicações em inglês daquela instituição sobre economia e sociologia, sendo surpreendente o pouco prestígio que o marxismo goza entre os intelectuais dos países marxistas.

A falência do projeto econômico da filosofia marxista é notória. São obrigados a reconhecê-la os economistas marxistas da Rússia, Hungria, Yugoslávia, China, Tchecoslováquia e Polônia, que desde o início da década abrem campo de especulação para detectar porque o planejamento econômico global, com socialização de quase todos os meios de produção, não gerou nem desenvolvimento competitivo, nem eliminou a inflação, nem tornou o Oriente socialista independente do Ocidente capitalista.

O que mais impressiona em tais estudos, é que, apesar da pouca liberdade que se dá à livre iniciativa nestes países e essencialmente na agricultura, o único segmento efetivamente próspero é aquele dedicado à iniciativa privada dos pequenos empreendimentos agropecuários.

Por outro lado, a previsão de que, um dia, nos países capitalistas os empresários seriam destituídos pelo proletariado, com a redução do número de detentores do capital e que a revolução operária tomaria conta de tais sociedades, posto que seriam poucas as cabeças a cortar, não se revelou verdadeira, de vez que nunca o Ocidente avançou tanto, como agora, com o povo que é mais rico, mais feliz e mais livre do que antes, tanto na Comunidade Econômica Européia, Estados Unidos, Canadá, Japão, como nos pequenos países do leste asiático, como Hong-Kong, Singapura e Taiwan.

Desta forma, nem a economia marxista foi um sucesso, como pretendia Marx, nem a economia capitalista fracassou, de tal forma que as idéias de Marx, nesta matéria, sobre nunca terem sido comprovadas na prática, mantêm notável sua má "performance" nos países que as adotaram. E os países que tiveram o bom senso de não as seguirem, como prêmio de sua lucidez, vão bem neste terreno.

Gorbachev, percebendo que os ideais são melhores que os resultados na temática marxista e que os resultados são melhores que os ideais no ideário capitalista, preferiu teorizar os ideais marxistas e praticar os resultados capitalistas, abandonando paulatinamente a mística socialista para gerar expectativas de economia de mercado. E seu exemplo começa a ser seguido pelos demais países socialistas, nada obstante a contradição interna de manutenção de uma economia aberta em um regime político fechado. Os freios deste terminam por ofertar menor agilidade àquela.

Em resumo, o projeto econômico marxista funciona mais no discurso dos ideólogos dos países capitalistas do que na prática dos políticos dos países socialistas, sendo certo que tal projeto goza de prestígio incomensuravelmente maior entre os marxistas dos países que nunca o praticam, do que daqueles que já fizeram a amarga experiência.

À evidência, o fracasso do projeto econômico, gera um resultado social medíocre, onde a redução dos desníveis sociais não se faz pela elevação da renda das diversas classes, mas pela nivelção

N

.3.

Ives Gandra da Silva Martins

por baixo de todas elas. O ideal não é o de gerar um povo igualmente rico, mas o de criar um povo igualmente pobre, com o que a comparação do nível social entre a Rússia e os EUA, ou entre a Hungria e a França, ou entre a Polônia e a Inglaterra, ou entre a Jugoslávia e a Itália, demonstra que o povo vive melhor nos países ocidentais que nos países orientais. Mesmo nos países sub-desenvolvidos, a comparação entre o modelo ideal dos marxistas brasileiros, que é o modelo nicaraguense, e o modelo brasileiro, apesar da crise em que vivemos, atesta que o nível brasileiro é superior ao da Nicarágua.

Cuba é um caso isolado. Onde não há democracia, não há oposição e é mais fácil governar. E, como foi sustentada pela Rússia até há pouco tempo, posto que vendendo cana mais cara para a Rússia que a revendia mais barata -a Rússia é dos maiores produtores de açúcar de beterraba-, conseguiu uma certa estabilidade econômica subsidiada, que lhe permitiu ter um modelo único escolar, de saúde e de opção profissional, de tal forma que o Estado cuida de tal forma do povo, que não lhe dá sequer o direito de sair do país, como um bom fazendeiro cuida de seu gado, sem que lhe permita deixar o pasto em que está confinado. Se alguém resolve contestar um professor em Cuba, não terá a possibilidade de escolher outra escola, restando marginalizado. O Estado é o único distribuidor da felicidade empacotada, cabendo ao povo o sublime direito de aceitá-la, sem discutí-la. É um povo que já não precisa pensar, porque o Estado pensa por ele, razão pela qual as eleições foram banidas desde que Fidel Castro assumiu o poder, há 32 anos.

Como o Brasil busca agora a estabilidade democrática, à evidência, o modelo cubano, de negação absoluta à democracia, não pode servir de inspiração a nenhum dos democratas brasileiros, de esquerda ou de direita.

O marxismo, portanto, é mais um quase projeto político, melhor apresentado nas salas de aula, conferências e comícios, do que vivido na prática.

O marxismo, ao contrário do capitalismo, por endeusar o Estado,

~

pretende que os que o adoram possam dar sua vida por tais ideais. Mas como tais ideais são vivenciados por homens que têm defeitos em todos os espaços geográficos e circunstâncias temporais, terminam por gerar incoerências tais que não chegam, não obstante o número enorme de países que adotaram tal modelo político, a criar o mínimo de harmonia institucional.

Sobre a filosofia marxista prefiro deixá-la para uma análise em outro artigo, posto que mister se faz o exame da influência do idealismo hegeliano, cuja fenomenologia do espírito ainda hoje gera mais admiração que certeza. Já sobre ela me manifestei no opúsculo "A separação de poderes" (Ed. IASP, Secretaria Especial de Desburocratização da Presidência da República, 1985). Não há, todavia, em Marx, um complexo filosófico semelhante aquele de Aristóteles, Platão, Aquino, Descartes, Kant ou Hegel, mas uma mistura, em que seu grande mérito foi mais ser um costureiro enciclopédico de teorias alheias do que um criador de teorias próprias.

Resta o aspecto místico. O marxismo objetivou eliminar a crença do homem em Deus. O fracasso da tentativa foi evidente. Mesmo nos países em que maior foi a perseguição religiosa, como à época dos romanos, a intensa busca do homem pelo Criador fez com que tal perseguição fracassasse.

É que quando o homem procura sua origem, questiona a razão do ser no Universo, da vida, penetra campo de indagação incomensuravelmente maior do que aquele reduzidíssimo e de explicações insuficientes que a razão pode ofertar. E, neste campo, a oferta de substituição de um Deus criador, capaz de oferecer uma vida Eterna melhor que esta, por um Estado paternalista e provedor de todas as insuficiências humanas, mas perecível e sem ideal maior do que o curto espaço em que um ser humano pode viver, revelou-se pouco sedutora. O homem prefere acreditar num Deus Criador do que num Estado Absoluto e Perfeito e quanto mais conhece este mais procura Aquele.

Por isto, o marxismo é um quase mito, posto que acabou por não afastar aquela inata procura do homem por ideais superiores aos



.5.

Ives Gandra da Silva Martins

medíocres e falíveis valores que o Estado pode ofertar.

O fracasso do modelo econômico, a insuficiência de projeto social, a falta de coerência do complexo filosófico e a incapacidade de se transformar num mito substitutivo de crenças superiores do homem têm levado os atuais países marxistas a fórmulas mais práticas e menos utópicas para sobrevivência. E, quanto mais marxistas forem, tanto menores condições de viabilidade ganharão. Já declaram tais países a falência do sistema adotado, mas ainda não o fizeram publicamente. Pena que os nossos marxistas ainda não aprenderam as lições dos outros, para que não cometam os mesmos e elementares erros.

